



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

HENRIQUE FELIPPE BONNET LICHT IV

(Depoimento)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-218

Entrevistado: Henrique Felipe Bonnet Licht

Nascimento: 18/11/1921

Local da entrevista: Residência do entrevistado, Porto Alegre – RS.

Entrevistadoras: Christiane Garcia Macedo e Leila Mattos

Data da entrevista: 17/08/2011

Transcrição: Leila Mattos

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Mídia: Gravador digital

Total de gravação: 21 minutos e 05 segundos

Páginas Digitadas: 9

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Criação do Centro Olímpico da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Descrição das condições físicas do terreno de construção da Escola de Educação Física; O Zelador Aníbal; Órgão que apoiaram nas construções; Aluguel do Ginásio; Aterro; Início do Laboratório de Pesquisa do Exercício da UFRGS; Construção da piscina térmica do Campus Olímpico.

Entrevista com Henrique Felipe Bonnet Licht realizada em Porto Alegre, 17 de agosto de 2011. Entrevistadoras Leila Carneiro Mattos e Christiane Macedo, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Como foi a criação do Centro Olímpico¹ ?

H.L.– Eu fiz uma síntese para ficar mais fácil, eu vou ler a primeira parte para vocês entenderem. Foi criado o Centro Olímpico e eu fui nomeado pelo Reitor como Coordenador, nos meses restantes do ano, ainda sem recursos orçamentários para materiais e pessoal. Conseguimos uma sede provisória, com mesa e armário no salão junto ao gabinete do Superintendente Acadêmico Professor Jorge Furtado. Quer dizer, nessa fase inicial ficamos na Reitoria fazendo os contatos, então houve reuniões com o Reitor, com o Superintendente Acadêmico, com o diretor da ESEF², Professor Jacintho Targa³, com professores da ESEF, alunos e funcionários. Isso eu fiz umas vinte vezes ou mais até. A situação que nós encontramos lá, instalações e problemas, os limites indefinidos da área, ao norte com a Associação dos Surdo-Mudos Professor Levi Wengrover e fundos de várias residências, com invasões com cercas improvisadas e hortas.

Os fundos era tudo assim, não tinha nada. Depois a Oeste, a rua Felizardo Furtado era um banhado com plantações de agrião e lixo, propriedade da Imobiliária Schilling & Kuss, meu vizinho e meu amigo aqui. À leste estava a Avenida Salvador França em obras, ao sul a Rua Felizardo com calçamento de pedras irregulares, muitos buracos, árvores ornamentais muito reduzidas. Vários depósitos de lixo na área da Escola, insegurança, área totalmente desprotegida, sem cerca, nem entrada definida, sem numeração para correspondência, calçada e vigilante, não tinha nada, invasões frequentes, a área tinha muitos banhados havia uma Cancha de remo não concluída. A cancha de remo era em curva de aproximadamente 200 metros. A área havia sido parcialmente escavada e o aterro não fora colocado em áreas baixas próximas, mas doado. Várias pessoas levaram dezenas de caminhões de aterro de graça. Há vários anos a cratera era usada como depósito de lixo, com ratos, moscas, e segundo a direção do vento, um cheiro desagradável. Quando vinha aquele vento norte, o cheiro vinha para a Escola.

¹ Centro Olímpico, órgão auxiliar da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Escola de Educação Física.

³ Jacintho Francisco Targa.

C.M.– Esse era a onde?

H.L. – Na Escola!

C.M. – Mas onde exatamente?

H.L.– O banhado? Na frente da Escola, à esquerda, naquele canto ali era a cancha de remo.

L.M.– Onde hoje são as canchas?

H.L.– Isso, Aqui é a Felizardo, aqui é a escola, aqui é o CEME⁴, é aqui, mais ou menos assim, e esse era o limite que não tinha [o entrevistado demonstra com uma folha de papel o local do banhado].

E aqui [ainda demonstrando no papel] era outro banhado enorme onde saiu a cancha de atletismo. O esgoto pluvial ao norte não existia, quer dizer, quando chovia, entrava toda água por aqui. O ginásio em precárias condições, rachaduras, goteiras no salão, piso ondulado e oscilante, muitos vidros quebrados, janelas avariadas, as basculantes, a maioria dos espelhos usados na ginástica, eram quebrados ou rachados. Moradia improvisada do zelador, Senhor Aníbal⁵, que ficava sob o palco. Embaixo do palco tinha um espaço, parecia até uma carneira de cemitério e ele dormia ali. Faltava material esportivo para as aulas práticas. Essa era a situação da Escola. A natação era feita em um mini tanque, sem cobertura, pode imaginar no inverno? E pior que o Peixinho⁶ era o professor, coloca calção e se atirava no frio e a gurizada tinha que ir atrás dele.

Havia o Grupo Escolar Otávio de Souza⁷, com vários pavilhões dentro da ESEF. Grupo escolar com três pavilhões, pode imaginar, que entrava todo mundo, não tinha cerca, não tinha nada. O prédio vizinho à nordeste, olhando de fora, era um abrigo de internos do Hospital São Pedro⁸. O pessoal do São Pedro estava mais ou menos assim, sempre tinha lá assim uns trinta ou quarenta que viviam dentro da Escola, não tinha semana que nós não tínhamos que pegar um ou dois e tentar levar. Era um problema

⁴ Centro de Memória do Esporte.

⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁶ Jayme Werner dos Reis.

⁷ Colégio Estadual Professor Otávio de Souza

⁸ Hospital Psiquiátrico São Pedro.

mesmo. Então nós começamos com a definição das prioridades: a recuperação imediata do ginásio que estava com perigo até de desabar; a definição dos limites da área da ESEF e registros cartoriais: cercar o terreno, portão de entrada, numeração do prédio e a área de estacionamento que não tinha. Conseguimos uma casa pré-fabricada para a sede emergencial do Centro Olímpico e abrigo para o zelador seu Aníbal. Então nós fizemos atrás do ginásio uma casinha de madeira, em uma semana estava pronta. Nós ficamos com duas peças, duas salas na frente, e o resto das três peças o sanitário, a cozinha e um quarto que ficou com o seu Aníbal. Eles até me beijavam a mão, a família. Tiramos o coitado de lá. Ele foi um benemérito, nunca ninguém lembra dele, é um baixinho, muito bonzinho e morava ali, porque não tinha hora para fechar, eles alugavam até as onze horas da noite, quando chegava as onze o pessoal estava jogando, as onze quer dizer depois iam tomar banho e o seu Aníbal tinha que ficar lá, para apagar as luzes. Quer dizer, o coitado nem dormia. No outro dia, às sete horas ele tinha que estar lá de novo, então, era completamente desumano. Pessoal, definição de pessoal, é que nós não tínhamos recursos orçamentários para o ano seguinte que não tinha recursos, estudos, avaliações e planejamentos preliminares isso foi feito no primeiro ano.

C.M.– Sabe o que foi feito do seu Aníbal?

H.L. – Seu Aníbal faleceu há muitos anos.

C.M.– Mas ele continuou trabalhando na ESEF até quando?

H.L.– Ele continuou trabalhando até ele se aposentar. Eu gosto de falar, até me emociono, uma vez eu estava indo com a minha família não sei para onde, mas eu acho que nós estávamos lá em Rosário do Sul ou em São Gabriel num posto onde estava o carro e paramos lá. Eu ia para Uruguaiana, numa exposição, e fui almoçar num restaurante grande. Eu estava esperando que os outros viessem, nos estávamos indo para jogos, assim de exposição e veio uma moça, uma senhora de uns trinta e poucos anos, e disse: “O senhor é o Doutor Henrique?” “Sim, eu sou o Henrique.” E ela me beijou a mão: “Mas o que há?” E ela disse: “Eu sou filha do Aníbal”. Olha só, até me emociono, bom foi sempre assim... Qual eram os órgãos de apoio que nos tínhamos: as divisões da UFRGS administrativa,

obras e jurídica,... Na Prefeitura Municipal eu consegui com a SMOV⁹, DEP¹⁰, DMLU¹¹ e Secretaria de Praças e Jardins. Tudo isso colaborando com a Brigada Militar, o Hospital São Pedro, a Fundação Zoobotânica do Estado do Rio Grande do Sul e Polícia Civil para melhorar tudo isso aqui. E começou a funcionar, especialmente a SMOV, que nós fizemos um acerto verbal irregular mas fizemos. Ela deixava tudo lá na Salvador França, não tinha ainda rua, mas era nossa área e aquilo iria avançar. Hoje tem aquele calçadão e eles queriam colocar todo o material deles como brita, pedras e tudo, botavam tudo ali e o aterro saía. Em compensação eles iam aterrando a nossa área junto com o DEP.

O planejamento básico, as metas e as etapas, o ginásio, manutenção e redução de empréstimos... Se emprestava o ginásio para todo mundo; todos os dias tinha o ginásio emprestado e, no outro dia, o seu Aníbal fechava mais estava sujo: os banheiros à meia noite e o pessoal não tinha a mínima consideração com ele e, na maioria das vezes, os empréstimos não pagavam. Colocamos um horário rígido de fechamento, baixando para as dez horas e diminuimos o movimento, só quando pagava. Não pagava não adiantava, mas esse dinheiro todo era da Escola, mas era praticamente nada. Se tivesse uma segurança noturna, que não havia pessoal...

Sobre cedências: Pedi a cedência de Jayme Werner dos Reis que estava no Colégio de Aplicação; o Rosito¹², que estava na Economia, o Paulo Linhares¹³ e o Acely Stroher Escobar que vieram da Brigada Militar, o Agripino¹⁴ que era um funcionário antigo do tempo da outra secretaria do Estado e O seu Alexandre Gandolfi¹⁵ que era o coordenador [PALAVRA INAUDÍVEL] Nunca paguei nada porque nem tinha verba, a gente só dava efetividade, o grande segredo dessas coisas. Se não tem dinheiro tu não tem que prestar contas então isso é uma coisa muito boa porque tu dá efetividade para a Administração.

L.M.– Dá efetividade.

H.L.– Começamos melhorando o calçamento da rua Felizardo, que era todo cheio de buracos. Foi feito um aterro gradativo da cancha de remo que foi a SMOV e o DMLU.

⁹ Secretaria Municipal de Obras e Viação.

¹⁰ Departamento de Esgotos Pluviais.

¹¹ Departamento Municipal de Limpeza Urbana.

¹² Aldo Antonello Rosito.

¹³ Paulo Ubirajara Linhares.

¹⁴ Nome sujeito à confirmação.

¹⁵ Nome sujeito à confirmação.

Realizamos a retirada do grupo escolar. Sabe que isso não é fácil, tiveram que fazer outro grupo escolar... A galeria pluvial ao norte e noroeste até onde está o Arroio Ipiranga... Isso foi tudo em colaboração, não custou nada para a Universidade, então, nós definimos a cerca que vocês vão ver. E definimos: ali passa uma galeria que vem até a rua e daqui ela vai até o Arroio Ipiranga e uma galeria de dois metros por dois, enorme, dá para entrar lá dentro. Fizemos a pista de atletismo, projeto, aterro, poliuretano e complementos que foram feitos pela empresa Ruas Amantino & Cia. Ltda. Foi a firma que fez, lá de Passo Fundo¹⁶.

Houve um problema muito sério, eles fizeram um contrato de aterro de dois meses, e ocorreram chuvas torrenciais durante dois meses, a firma estava praticamente falida e fizeram um contrato horrível. Eles não tinham experiência, uma multa de vinte mil por dia, faltava dez dias para o aterro, não tinham feito praticamente nada, porque várias vezes tivemos que tirar os caminhões deles lá de dentro, pois atolavam. Chovia sempre e a gente deu uma solução para eles e deu certo e eles se salvaram fizeram e deu tudo bem. O acerto foi o seguinte: eu pedi que eles fossem no Instituto Astronômico e Meteorológico e fizessem um tombamento, uma definição de todas as chuvas na região desde primeiro de janeiro até aquele dia... Eram quarenta e poucos dias... Porque tem isso em obra de aterro, chove tem que pegar dois dias para secar, no dia seguinte tu não pode entrar. E ali era banhado mesmo, então eles conseguiram a prorrogação de todos os dias que não tinham trabalhado e fizeram um trabalho muito bom.

As quadras polivalentes foi uma das coisas que a gente tinha lá para basquete, vôlei e futebol de salão que estava começando, então, a gente adaptou umas quadras polivalentes lá no fundo e melhorou um pouco. Veio o LAPEX¹⁷, o Eduardo de Rose¹⁸ queria o LAPEX sabe a onde? Sabe onde funcionou o LAPEX?

L.M.– Não!

H.L.– Na carneira do Aníbal!

L.M.– Ah! Tá!

¹⁶ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

¹⁷ Laboratório de Pesquisa do Exercício.

H.L. – Era metade disso daqui e a carneira do Aníbal eles botaram ali. O De Rose queria se firmar, ele estava começando e a gente deu o LAPEX que nasceu ali, na casa do seu Aníbal. Tu podes imaginar que coisa mais improvisada? Porque o De Rose foi visto... Naquele tempo o pessoal, porque ele tinha muita ligação com Brasília, o irmão dele era o terceiro homem no Brasil... Era o João Leitão de Abreu, que era o chefe da Casa Civil, na época do Presidente Figueiredo¹⁹ e o Júlio De Rose. Ele era prestigiado e graças a isso e ao De Rose especialmente, foi criado o LAPEX. Ele se projetou e foi para a Alemanha...

E conseguimos o depósito de materiais da SMOV, na calçada da Avenida Salvador França e a permuta por aterros; permutávamos por aterro... A SMOV vivia lá... Como eu já disse, a arborização da rua Felizardo... Então recuperamos a arborização que tinha ali e a gente colocou, eu acho que era extremosa... Foram feitos plantios diversos dentro da área. O seu Gandolfi, o Peixinho e eu, nós três que fizemos esses plantios todos, aqueles plantios que tem lá foram feitos com mudas doadas pela ZooBotânica e do viveiro municipal pela Prefeitura. A gente trazia até no auto da gente e aí veio a piscina térmica, mais com o Peixinho. A firma era Salvador Almalleh²⁰ e foi em concreto propendido, foi projeto da Escola e teve inúmeros problemas; a propensão arrebentou estourou quando iam fazer e nem é bom falar.

L.M.– Quantos anos durou a construção do Centro Natatório ?

H.L. – Da piscina térmica? Um ano, um ano e pouco! Foi pouco, não foi muito ligeiro, e que tinha um problema: ninguém trabalhava em concreto propendido e foi muito difícil... Essa firma não tinha experiência mais ganhou, eles honraram o compromisso, a firma faliu, mas eles fizeram... E erros incríveis, eles tiveram que demolir quando fizeram a piscina. Eles fizeram as paredes laterais e o apoio... Até o pessoal falou: esse apoio aí não dá e um dos que ajudou muito foi o Dr. Lélío Araújo²¹.

L.M.– Me lembro, o Dr. Lélío !

¹⁸ Eduardo Henrique de Rose.

¹⁹ João Baptista de Oliveira Figueiredo, Presidente de 1979 a 1985.

²⁰ Nome sujeito à confirmação.

²¹ Lélío Soares Araújo.

H.L.– O Lélío sem ganhar nada, como colaboração, e a gente toda alertou e esse negócio vai... A piscina, certa vez cedeu; fez uma barriga dos dois lados, porque eles botaram uns apoios, mas os apoios cederam e ela veio e ficou com uma tal barriga que tiveram que cortar praticamente toda e fazer de novo... E aí se perdeu, até acertar aquela coisa, isso foi tudo mérito do Peixinho.

C.M.– E quem projetou?

H.L.– A Escola, tudo na visão da Escola, eram vários... Bom, outras atividades: na época veio a obrigatoriedade da prática esportiva pelos universitários. Não havia antes. Então veio aquela obrigatoriedade e o Peixinho ficou incumbido de contratar professores e locações de instalações esportivas em clubes e em colégios. A gente alugava porque não tinha para todos os colégios, e esses professores da Escola, nós demos preferências aos que só tinham um turno ou meio turno e que tinham possibilidade e queriam aceitar. Com isso eles incorporaram, depois, foram aposentados... Graças a isso aqui, e eles nunca se lembraram disso e foram vários que incomodavam uma barbaridade. Aí nós tivemos... Naquele tempo havia o final da ACEUFRGS, que é a Associação Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Associação central esportiva e acadêmica... Havia os centros acadêmicos e naquele tempo veio a gloriosa e fechou tudo e nós ficamos com esta sede. Empurraram nós para a rua Venâncio Aires, uma casa muito grande e só causava problemas, davam festas lá, bagunça e outras coisas, e bebiam e aí a gente conseguiu com o presidente da ACEUFRGS, que era um desportista, era um rapaz ótimo, e ele concordou conosco. Então fechamento da sede e transferência do patrimônio da ACEUFRGS para a ESEF que foi em dois dias: nos dias 10 e 18/01/1974.

As relações detalhadas dos materiais entregues e recibos do diretor da ESEF, Professor Jacintho Francisco Targa, e da secretária Carmen²². Eu fiz questão que se fizesse porque o Peixinho, nesse período, ele fez um curso, então, eu assumi essa coisa. Tem quatro páginas de tudo: uma tábua de polegada serrada em três metros, trinta e quatro garrafas vazias, seis medalhas sem suporte sem nada, dezessete camisas, camisetas e tal em péssimo estado de higiene, um armário, um sofá... Esse material todo foi relacionado, o Targa rubricou, a Carmem rubricou, e fizemos uma improvisação com os armários que tinha dentro do palco. Não tinha lugar, então, nós fizemos um cercado... Queríamos

entregar para o Targa e o Targa que deu essa ideia... Acho que vai ser um perigo e coisas pequenas desapareceram, coisas pequenas e a maioria das coisas de secretaria eles aproveitaram pois a Escola estava muito mal... Então, sofá, poltrona... E o Centro Acadêmico de lá, do Estado. Esse material foi distribuído pelo Targa, julgando que a coordenação do Centro Olímpico seria melhor exercida por um professor de Educação Física... Solicitei dispensa do cargo em julho de 1971, atendendo o convite do Reitor Eduardo Faraco²³, permaneci na função de Assessor de Esportes e indiquei para meu substituto o professor Jayme Werner dos Reis. A indicação foi aceita e ele assumiu a coordenação do Centro Olímpico em 23 de julho de 1971. O novo Reitor Homero Jobim²⁴ convidou-me para permanecer na função de seu assessor de esportes. No fim de 1975, pedi demissão da UFRGS, em caráter irrevogável. E aí eu saí da UFRGS e me afastei definitivamente. E volto depois, ou às vezes vou lá, e fui voltar mesmo com vocês do CEME.

Então isso aqui eu te empresto também [entregando folhas de papel digitadas com informações dadas]. Isso aqui eu já terminei fazendo até o cento e oito, qualquer dúvida basta perguntar. Agora essa parte da piscina é melhor perguntarem ao Peixinho. Mas é uma coisa interessante se a gente não documenta, o documento é muito importante depois surgem historicamente... Surgem coisas incríveis, pessoas que participaram, pessoas que fizeram, mas que distorcem completamente... Incrível que a área foi doada em 1940, isso era em 1970, trinta anos depois a Universidade, tendo uma divisão jurídica, não tinha definido a área... E e os surdos-mudos, não sei se vocês já trataram, talvez não pela juventude, surdo-mudo é muito difícil conversar com eles; difícil de conversar não de se entender com eles, porque eles são muito desconfiados... São mais desconfiado do que o cego. O cego te dá a mão e vai contigo e confia em ti, o surdo-mudo não. Ele fica na dúvida... Até conquistar este Levi Wengrover... No fim ele me convidou para padrinho do filho dele, ele era judeu, uma questão de religião e tudo... Com o Peixinho ele nunca foi... O Peixinho não tinha paciência porque tirava a paciência da gente, e ele conquistou os vizinhos, porque tinha alguns vizinhos que faziam horta dentro do terreno da Escola... Faziam uma cerquinha improvisada e nós tivemos que tirar aqueles vizinhos primeiro de lá e mostrar para eles que a Escola... Nunca vi este documento de doação mas no fim eles concordaram... Logo em seguida a gente conseguiu, foi uma coisa assim amizade com o

²² Nome sujeito à confirmação.

²³ Eduardo Zaccaro Faraco, Reitor no período de maio de 1968 a maio de 1972.

Prefeito e outras coisas e a gente sempre pedindo... Não podemos, não temos, mais precisamos... Aquelas meninas lá fazendo Educação Física, o pessoal entra lá e é um perigo até para os próprios colegas. Estamos falando isso há quarenta anos, é diferente, e felizmente a coisa se resolveu. Resolveu na mais santa paz...

Com o pessoal de obras a gente fez as canchas... O Beletti²⁵, até hoje nos encontramos na rua e nos cumprimentamos. Tem um arquiteto que às vezes passa aqui com o cachorrinho e trabalhou lá. É o Egydio Hervé Filho, o marido da Yula²⁶ não sei se tu chegastes a conhecer?

L.M – Não, eu tenho fotos dela lá no CEME

H.L.– A Yula era uma ótima professora além de uma pessoa bonita, simpática e o casal... Então a gente conseguiu com o Egydio Hervé Filho, que é o chefe da divisão... E contrataram o Aldo Miller²⁷. Depois tinha a filha do Renato Costa, a Suzana²⁸, e esses arquitetos trabalhavam com a gente e projetaram a cancha. Depois fez a cancha e a pista de atletismo... Dá para fazer outra entrevista e um dia falar sobre isso, as dificuldades...

C.M.– Então é isso Dr. Licht. Agradecemos seu depoimento.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁴ Homero Só Jobim, Reitor no período de junho de 1976 a junho de 1980.

²⁵ Nome sujeito à confirmação.

²⁶ Yula Maria Green Hervé, foi professora da Escola de Educação Física (ESEF)

²⁷ Nome sujeito à confirmação.

²⁸ Nomes sujeitos à confirmação.